

# Maílson elogia. E

# alerta para os perigos.

O ex-ministro Maílson da Nóbrega considera "muito válido" o esforço da equipe econômica para diminuir o déficit público mas acha difícil que isso ocorra durante todo o ano de 1990. A pressão sobre o deficit no segundo semestre deverá ser maior do que os resultados positivos obtidos no primeiros semestre, ele prevê. Maílson pensa que a equipe não pode anunciar como definitivo o fim do déficit público, pois corre os mesmos riscos que enfrentou ao anunciar inflação zero.

"Qualquer diminuição substancial do déficit durante o ano de 1990, em relação ao ano passado, é uma grande vitória, mas não se pode dizer que o déficit acabou. Ele pode retornar no segundo semestre e o resultado positivo acaba passando como uma derrota", observou Maílson. O ex-ministro lembrou: em abril a inflação atingiu 3%, mas esta foi uma vitória que acabou ofuscada pela perspectiva de inflação zero, criada pela equipe.

Maílson lembra que a Constituição colocou barreiras de difícil transposição para a eliminação do déficit público, tais como a transferência de 1/4 da sua arrecadação para Estados e municípios. Por outro lado aumentou as despesas

do governo, sem a contrapartida de aumento de receita.

No segundo semestre a pressão pelos gastos públicos deverá ser até maior do que o esperado. Maílson lembra por exemplo, que o Estado de São Paulo é gerador de recursos próprios e que a União não possui poder de pressão sobre ele. Veja essas outras opiniões:

**Aldo Lorenzetti**, presidente das Indústrias Lorenzetti — "O corte nos investimentos estatais é péssimo, pois muitos são extremamente necessários, como os de infra-estrutura (setor elétrico, de telecomunicações e ferroviário). Sem eles, o País corre o risco de ter o desenvolvimento brecado, com consequências sociais que todos podem prever. Cortar os investimentos do governo é como tirar os filhos da escola e parar com a comida: o que tem que acabar é o cinema e o teatro."

**Walter Saccà** diretor da Fiesp — "É difícil confirmar ou contestar o superávit. Este ano será mais fácil ao governo conseguir um superávit do que mantê-lo em anos futuros, já que houve uma série de receitas que não se repetirão. Para se manter um superávit em 1991 só com o aumento da arrecadação."